

DEFICIÊNCIA E CINEMA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL?

Graziela Marafiga Kaus

Resumo: Falar sobre deficiência e diferença não é tarefa simples, uma vez que cada indivíduo atribui uma concepção ímpar acerca dessa problemática. No entanto, a conquista por espaços de igualdade vem se concretizando ao longo dos anos e sendo tema de inúmeros eventos, inclusive das produções de cinema. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é compreender como o cinema aborda as diferenças no contexto da deficiência e quais elementos utiliza para fazer essas abordagens. Para isso foi analisado o filme *Oitavo Dia*, abrangendo análise de discurso, figurino, trilha sonora, cores, enfim os aspectos conceituais e estéticos do mesmo. Priorizou-se por um processo reflexivo e pela problematização dos fatos, a fim de despertar na sociedade e na escola a conscientização da responsabilidade que cada um tem com o “diferente”. Logo, ficou claro que a cinematografia é uma ferramenta em potencial a ser usada de uma maneira natural e dinâmica para sensibilizar as pessoas sobre o novo paradigma em que se vive.

Palavras-chave: Deficiência. Diferença. Cinema. Conscientização.

Introdução

O tema diversidade tem sido assunto no novo paradigma mundial, problematizando aspectos sobre o preconceito, a inclusão social, o deficiente no mercado de trabalho, a interferência da história na realidade das pessoas com deficiência hoje, questões de gênero, cor, classes sociais, entre outros. Nunca se falou tanto em diversidade como atualmente. Sendo assim, a mídia cinematográfica também rompe com as concepções de mundo e de homem construídas ao longo da história da humanidade e indaga tais questões através das cenas, trilhas sonoras, cores, linguagem e enredo de diversos filmes.

Quanto à deficiência especificamente, o movimento também é semelhante, e o cinema pode ser um aliado motivador de alunos, professores e da sociedade em geral, para o entendimento da realidade dos sujeitos que compõe este universo. A linguagem cinematográfica exerce expressiva influência cultural no mundo contemporâneo e da deficiência, devido os efeitos que ela gera ao despertar uma nova sensibilidade, novos valores,

ideias, possibilidades e comportamentos. Sendo assim, articular a deficiência ao cinema não só é uma maneira inteligente como agradável de problematizar e refletir sobre o tema.

Contextualizar o momento histórico no qual o filme foi produzido, descobrir ideias estereotipadas, detectar diferentes formas de preconceito, instigar a imaginação, decifrar signos, compreender conceitos são alguns dos elementos que podem ser explorados em um filme sobre deficiência e que podem ter efeitos diretos nos indivíduos e nas suas práticas.

Sendo assim, o cinema movimenta o fazer docente e vai além dos limites da sala de aula, possibilitando novos olhares sobre as pessoas, sejam elas com ou sem deficiência estabelecendo uma ponte direta entre o real e o imaginário.

O filme objeto de estudo desse trabalho produzido em 1996 captou os paradigmas mundiais de seu tempo e deixou impresso nas imagens a luta e os obstáculos vivenciados pelos sujeitos com deficiência. O apreço a diversidade e a busca pelos direitos humanos mostrados pelo filme vieram de encontro aos movimentos sociais, educacionais e governamentais do momento, marcados por leis que apontavam uma única direção: a da inclusão. Como exemplo disso é possível citar a Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais, realizada na cidade espanhola de Salamanca (BRASIL, 1994), onde foi elaborada a Declaração de Salamanca para tratar de princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Outros dois grandes atos legais também foram favoráveis aos sujeitos com deficiência, como a Convenção Interamericana da Guatemala para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Pessoas Portadoras de Deficiência (BRASIL, 1999) e o Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2001, p.64) o qual destaca que “o grande avanço que a década da educação deveria produzir seria a construção de uma escola inclusiva que garanta o atendimento à diversidade humana”.

Nesse contexto o filme analisado foi *Oitavo Dia* (1994) que nos leva a pensar sobre a Síndrome de Dow. Foram analisados momentos principais do filme, com a finalidade de refletir e problematizar como as questões relacionadas à deficiência vêm sendo abordadas pelos filmes e de que forma, isso acontece para despertar à conscientização da responsabilidade social que cada um tem com o “diferente” com intenções diretamente pedagógicas e formativas.

Oitavo Dia conta a história de um homem comum (Harry) que encontra George, um jovem com uma alteração genética denominada Síndrome de Dow, uma pessoa muito sensível de temperamento forte e que tem respostas muito firmes para cada rejeição ou censura sofrida. Além do tema deficiência o filme chama a atenção para problemas familiares: divórcio,

desapego, amores não correspondidos e profissionais. Harry vê a vida através do trabalho e fica estressado facilmente, por esse motivo é abandonado pela sua própria família. Georges, dificilmente está de mau humor, vive em um mundo ilusório e positivo menos quando alguém rejeita o seu amor, sua busca incansável. Com Georges, Harry acaba vivenciando novas experiências e situações jamais imaginadas antes desse encontro.

Embora tratem de temas densos o filme se tornara “leve” e agradável ao ser estudado, pois além das estruturas básicas foi possível explorar e se encantar com a perspectiva estética do mesmo o que favoreceu atingir os objetivos propostos: analisar como a deficiência vem sendo abordada pelo cinema através dos textos, linguagem, do seguimento estético e despertar à conscientização da responsabilidade social que cada um tem com o “diferente”.

1 Desenvolvimento

Para falar em deficiência e sobre deficiência não podemos excluir a historicidade das relações socioculturais, cognitivas, religiosas e ambientais em diferentes momentos da história permeadas pelo extermínio, marginalização, confinamento, veneração, luta pela educação, reabilitação e atualmente pela inclusão. Levando em conta a evolução histórica é valido salientar que no decorrer dos tempos aconteceram muitas transformações na maneira como o ser humano trata o corpo, analisa sua importância, sempre levando em consideração certa padronização imposta por grupos de interesses. Assim, homens e mulheres vêm ao longo dos tempos construindo novas noções sobre sua existência, construindo concepções diferenciadas quanto à vida humana e sua relação com outras pessoas e com o meio ambiente.

É inevitável a interferência de uma época histórica sobre a outra e para que possamos refletir sobre deficiência, conseqüentemente sobre o filme escolhido temos que considerar o passado da humanidade. Vale salientar que a deficiência não é apenas um problema intrínseco ao sujeito acarretando incapacidades ligadas diretamente ao orgânico, trata-se da leitura social da deficiência, apontada como o maior entrave para o desenvolvimento da pessoa. Assim, o ambiente interfere diretamente nas condições de deficiência por parte dos que a vivem.

Nesse sentido, a Síndrome de Dow é um distúrbio associado a uma condição cromossômica causada por um cromossomo extra no par 21. Crianças e jovens com essa síndrome têm características físicas semelhantes e estão sujeitos a algumas doenças. Embora apresentem deficiências intelectuais e de aprendizado, são pessoas com personalidade única, que estabelecem boa comunicação e grande sensibilidade. Geralmente o “grau” de

acometimento dos sintomas é inversamente proporcional ao estímulo dado a essas crianças durante a gestação e a infância.

As crianças com Síndrome de Down passam pelas mesmas fases de aprendizado que uma criança atípica, porém esse aprendizado ocorre de forma mais lenta, no que tange a linguagem, compreensão e realização de tarefas, raciocínio lógico, entre outros, o que não significa apontar para a incapacidade do indivíduo (ANHÃO 2009). Por isso a necessidade de estimulação e acompanhamento profissional para essas crianças, a fim de potencializar o desenvolvimento físico e intelectual dos sujeitos e desfazer os preconceitos que vão se instalando nas famílias e na sociedade.

A singularidade do desenvolvimento da pessoa com deficiência está nos efeitos positivos da deficiência, ou seja, nos caminhos encontrados para a superação do déficit. Dessa forma, não está apenas nas faltas que apresenta, a pessoa com deficiência não é inferior aos seus pares, apenas apresenta um desenvolvimento qualitativamente diferente e único. O meio social pode facilitar ou dificultar a criação desses novos caminhos de desenvolvimento (MARQUES, 2001).

Nessa lógica a pessoa com síndrome de Down é, sim, diferente. Negar esta diferença é torná-la um atributo indesejável a ser eliminado (um mal a ser remediado) algo pertencente ao outro e que não diz respeito a sociedade em geral, um tema para ser debatido em instituições específicas que lutarão para tornar o deficiente “igual” aos demais, caso isso seja impossível, acolhendo-o caridosamente, lhe garantindo um lugar social nesse caso o lugar da exclusão.

Infelizmente as relações interpessoais são formadas a partir da primeira impressão do deficiente, fazendo com que sua deficiência, seja a primeira ou a única característica a ser analisada. Essa passa a ter uma importância superior à pessoa que a possui, para a qual são lançados olhares de piedade, compaixão e sentimentos afins, que impedem o seu acesso à condição de cidadania. Dessa forma a deficiência deixa de ser apenas uma questão do corpo e de significados inéditos acerca das potencialidades conferidas ao biológico e passa a ser um fenômeno sociocultural que se desenvolve encontrando resistências de diversas formas e por vários setores da sociedade e pessoas. A sociedade sempre se pautou por um modelo tido como o ideal, desse modo, as pessoas que fogem desse padrão estabelecido são infantilizadas, vistas como sujeitos estranhos, inferiores e que causam medo. Pois, cada sociedade de acordo com a sua cultura vai construindo o seu padrão de normalidade, assim tudo o que está fora ou se afasta do padrão incomoda, causa uma grande perturbação. Mas, por que será que a diferença incomoda tanto?

Ao reconhecermos “a diferença do outro (ou a nossa rejeição a ela) sentimos um profundo mal-estar, tensão e ansiedade” (AMARAL, 1998, p.20). Além disso, quando tentamos falar sobre nós, sempre falamos do outro e, de acordo com a Elzirik (2002), começamos explicitando-o pelas diferenças e temos medo de enfrentar as diferenças nos outros, o estranho, pois buscamos sempre estar de acordo com as normas. A partir dessas ideias, percebe-se que ambas as autoras nos permite pensar que é muito difícil conviver e aceitar o diferente, pois desde o contexto familiar somos regidos por regras e normas, de acordo com a cultura a qual pertencemos. Amaral (1998) nos apresenta a diferença, quando reconhecida por nós, como algo que tentamos esconder, ao falarmos em diferença, vem à tona a palavra diferente, trazendo consigo a ideia de exclusão na qual se refere a todo é qualquer meio de exclusão social. Já para Elzirik (2002) com base em Foucault (1988), a exclusão possui ligação ao gesto imaginário de separação. É nele que se se instala a cultura da exclusão, desenvolvida através dos tempos, por meio de instituições, regulamentos, saberes, das técnicas e dispositivo. Quando não conseguimos lidar com a diferença, buscamos saídas, meios para escapar da culpa e da não compreensão. De acordo com Amaral (1998, p.20) “[...] uma das possibilidades é o acionamento do mecanismo de defesa da negação”. Então, criamos estratégias com as quais nossa personalidade opera para resolver nossos impasses diante do desconhecido.

Agimos do mesmo modo que na antiguidade, nos castelos medievais, de acordo com Amaral (1998), pois estes estavam cheios de crocodilos em seus fossos e havia uma ponte movediça que unia a cidade ao castelo, sendo que poderíamos conhecer os crocodilos a certa distância ou escapar deles. Assim, pode-se fazer uma analogia com a deficiência, pois também não queremos nos aproximar dela, olhamos de longe, instituímos preconceitos, estereótipos, estigmas, ou de acordo com Amaral (1998, p.20) “podemos assumir a postura de avestruz: enfiamos a cabeça na areia para não ver o que não queremos ou não podemos ver”. Elzirik (2002, p. 10) corrobora com esta ideia quando escreve: “Sabemos que não é fácil ser ‘diferente’ no interior das instituições que desejam o amoldamento e uma massa relativamente uniforme, idêntica e identificada [...]”. Mas, será que demos conta da diferença?

Talvez, se fôssemos mais abertos e flexíveis para aceitar a diferença do outro ou ainda de acordo com Elzirik (2002, p 6): “Se fôssemos capazes de fazer com que todos pudessem usar mais a sua liberdade e flexibilidade, permitindo um maior conhecimento e utilização suas, talvez tivéssemos experiências excepcionais como o replicante [...]”. De acordo com Gomes et al. (2007, p. 15), “o medo da diferença e do desconhecido é responsável, em grande

parte, pela discriminação sofrida pelas pessoas com deficiência, mas principalmente por aquelas com deficiência mental”. Assim, de acordo com os mesmos autores, “uma pessoa pode sentir-se discriminada em um ambiente que lhe impõe barreiras e que só destaca a sua deficiência” (GOMES et al., 2007, p.13).

Trabalhar com as questões da diferença e com a Síndrome de Down - no ambiente escolar também não é tarefa fácil. Estas questões provocam a escola em relação aos seus objetivos de ensinar, de construir os conhecimentos de seus alunos, pois “o aluno com deficiência tem uma maneira própria de lidar com o saber, que não corresponde ao que a escola preconiza” (GOMES et al, 2007, p. 16). Assim, no âmbito escolar, continua sendo papel do educador fixar a ideia da diferença, como diferença. Para que uma escola não selecione crianças em função de suas diferenças, o desafio é conscientizar todos os setores e segmentos envolvidos, aprofundar o conhecimento, os discursos e as ações e “cortar” os laços com o passado histórico segregador que envolve a temática deficiência.

2 Discussões sobre o filme *Oitavo Dia*

2.1 Perspectiva do enredo

O Filme *Oitavo Dia*, permitiu reflexões contextualizadas sobre a deficiência estabelecendo conexões com a realidade através da análise de quatro cenas, as quais foram confrontadas com diferentes autores.

Na primeira cena: Harry e Georges no posto policial. Ao analisarmos a fala de Harry, constata-se que está explícito as relações de poder entre eles, pois Harry ao se referir a Georges diz: “*Perdão, te trouxe uma pessoa, ele é meio deficiente*”, definindo desta forma a “identidade e demarcar a diferença” de Georges (LUNARDI; KRAEMER, 2005, p.81). Desta forma compreendemos que, através das relações sociais diárias vamos produzindo tanto as identidades quanto as diferenças, isto significa que elas não são produzidas naturalmente, “as suas relações não são harmoniosas, mesmo que sendo interdependentes, elas são disputadas e impostas” (LUNARDI; KRAEMER, 2005, p.32). Neste sentido, faz-se necessário mudar a forma como nos referimos à diferença, e lançar outro olhar, sem naturalizar as coisas, como se elas sempre tivessem existido.

Segunda cena: loja de sapatos Na primeira parte da cena fica explícita a autonomia que George possui, ao sair do carro e se deslocar até uma loja, para comprar sapatos. Entretanto, a

sociedade tende a ver as pessoas com deficiência, apenas pelas suas limitações, como expressa Skliar (1999, p.17), “A alteridade deficiente raras vezes é vista como pertencendo a uma nação, sendo cidadãos e sujeitos políticos, articulando-se em movimentos sociais, possuidores de sexualidade, religião, etnia, idade, gênero e atores/produtores de narrativas próprias”. Seguem-se uma série de situações de negociação para compra e venda de um sapato que reforçam o pensamento de Skliar (1999). George quer o sapato, mas tanto a vendedora quanto a gerente não sabem como resolver o impasse diante do desconhecido. Foi traçada “uma rígida fronteira que não permite compreendê-lo, conhecê-lo” (FERRE, 2001, p. 198). Então, como estratégia usada pelo gerente para resolver a situação, foram acionados mecanismos de defesas na tentativa de “fugir da questão, podemos assumir a postura de avestruz: enfiamos a cabeça na areia para não ver o que não queremos ou não podemos ver” (AMARAL, 1998, p.20).

O seguinte diálogo exemplifica o pensamento de Amaral (1998) e de Skliar (1999):

Vendedora: *“Olá senhor posso ajuda lô?*
 Georges: *“Quero sapatos, tênis”.*
 Vendedora: *“Sente-se vou pegar para você”.*
 George: *“Muito bom, você é muito bonita também. Quer casar comigo?”.*
 Vendedora: *“Vai ficar com eles?”*
 George: *“Casa comigo?”*
 Vendedora: *“Já sou casada”,*
 Georges *“Tudo bem, eu também sou, dois olhos... duas mãos... duas orelhas e dois amantes”*
 Vendedora: *“700 francos. 26 francos. Você tem 26 francos.*
 Georges: *“Eu quero os sapatos”.*
 Vendedora: *“Não posso dá-los a você”,*
 Georges: *“Eu quero sapatos”, “Eu quero sapatos”,*
 Gerente: *“Saia da minha loja”.*

Ficam explícitas as consequências dos mitos que circundam as pessoas com deficiência intelectual, que acabam reforçando ideias equivocadas, fazendo com que “não percebemos a totalidade que se encontra a nossa frente” (AMARAL, 1998, p.17). Corroborando, Skliar (1999, p.19) enfatiza que “os sujeitos são homogeneizados, infantilizados e, ao mesmo tempo naturalizados, valendo-se de representações sobre aquilo que está faltando em seus corpos, em suas mentes, em sua linguagem”, pois tanto a vendedora quanto o gerente só conseguiam ver a deficiência e não o Georges.

Terceira cena: Harry está cansado de George e mostra-se incomodado com as atitudes de Georges, deixando transparecer por que essa diferença lhe incomoda, pois Harry é um alto executivo da área de recursos humanos, setor de vendas de um banco. Extremamente estressado, um dia ele decide vagar pelas estradas da França, sem rumo definido. Após quase atropelar Georges na estrada o encontro casual do mundo empresarial de Harry com o mundo de Georges coloca em choque todo o sistema de vida deste homem de negócios e serve de ponto de partida para uma exposição de situações diversas que vão desde o fechamento de Harry ao relacionar-se com Georges, o descaso com o diferente até uma aproximação harmoniosa entre os dois. De acordo com Eizirik (2002), trabalhar com o “diferente” é estar também nesse “não lugar”, movediço, incerto, refazendo-se e reconstruindo-se a todo o momento, utilizando o desafio da dificuldade como motor para a construção de novos sentidos e realidades desse ensino que é tão “especial”. Nesta cena há vários impactos do olhar de Harry em relação a Georges, reforçando o que Carvalho (2004, p. 39) evidencia: “As pessoas significativamente diferentes geram impacto no ‘olhar’ do outro, dito normal, provocando: a) sentimentos de comiseração (com diversas manifestações de piedade, caridade, etc.); b) movimentos de cunho filantrópico e assistencialista que não lhes conferem independência e autonomia”.

Quarta cena: procura pela família de Georges. Harry leva Georges até a casa de sua irmã, a qual ao vê-lo não parece ficar feliz. O marido da também não gosta nada da surpresa e demonstra irritação ao ver Georges. Esta passagem ilustra bem, a dificuldade encontrada por algumas famílias em administrar a diferença, em valorizar a pessoa com deficiência da mesma forma com que valoriza os demais membros da família. Além disso, o sujeito deficiente é considerado um empecilho para o sucesso da família, um fardo a ser carregado e que não contribui positivamente com o grupo. Já os sobrinhos de Georges demonstram satisfação ao ver o tio. Como ainda não estão influenciados por sentimentos preconceituosos conseguem ver o tio como um ser humano “normal”, valorizado capaz de interagir e alegrar a família. Ferre (2001, p.198) enfatiza que “nada há de tão perturbador como aquilo que cada um lembra seus próprios defeitos, suas próprias limitações”, essa é uma hipótese do porque a presença de Georges perturbava tanto o marido e a irmã de Georges.

Entendemos que tais cenas traduzem momentos significativos da materialização das barreiras atitudinais (TAVARES e LIMA, 2007), tais como: a ignorância, o medo, a rejeição, a percepção de menos-valia, a inferioridade, a piedade, entre outros e que dificultam a educação e socialização das pessoas com deficiência intelectual, causando efeitos danosos.

Para que esse cenário se transforme é necessário primeiramente construir um novo olhar sobre o indivíduo com deficiência intelectual. Fica evidente então, que os grandes entraves relacionados à inclusão e responsáveis pela discriminação sofrida por estas pessoas surgem do medo da diferença e do desconhecido, do mal-estar causado pela falta de informação e conhecimento.

2.2 Perspectiva estética

As cores, palavras, sons, imagens permitem uma análise mais completa do filme uma vez que carregam consigo mensagens sobre a diferença, seus pontos e contrapontos. Logo no início do filme uma frase que chama atenção para a questão do sujeito com deficiência é “*Eu não sei onde nasci, acho que foi na Mongólia*” dita pelo personagem George.

Essa frase pode ser analisada de duas maneiras: sob o viés das dificuldades de aprendizagem do sujeito com Síndrome de Dow e suas limitações na compreensão da realidade, ou através do olhar da exclusão, onde o sujeito se sente deslocado, a margem dos grupos sem poder se apropriar de um espaço ou função na sociedade.

Explorando a segunda possibilidade a de “não – sujeito” implícita na frase Leite e Monteiro (2008) afirmam que pessoas com deficiência podem se apresentar mais dependentes e incapacitadas, do que seria resultante de sua condição orgânica, por terem aprendido a desempenhar o papel de deficientes. Como esses indivíduos são geralmente assim rotulados, logo após seu nascimento ou nos primeiros anos de vida, acabam socializados em uma situação de desvantagem - enquanto pessoas estigmatizadas. Isso afeta sua identidade pessoal, aumentando a probabilidade de assumirem o papel que lhes é atribuído. Assim, a maneira como Georges se expressa revela o resultado de como ele próprio assimila os dizeres dos outros, um estranho – o que revela que antes de tudo a deficiência é um fenômeno social.

Para ampliar essa ideia também vale lembrar que em 1864 e 1866 o médico inglês John Langdon Haydon Down que identificou a Síndrome de Dow, influenciado pela Teoria da Evolução de Charles Darwin, denominou-a de “mongolian idiots”, em alusão aos traços físicos e de inferioridade dos asiáticos da Mongólia. Na época, as pessoas julgavam que existiam raças superiores e inferiores, do ponto de vista evolutivo. Para eles, a “raça superior” era a caucasiana (branca), sendo os asiáticos e negros inferiores.

Outro aspecto muito importante a ser destacado do filme é a relação como criacionismo. Queria Deus que Georges fosse Dow? Seria um castigo ou uma dádiva?

Segundo Pessoti (1984) aos “olhos” da humanidade a concepção de deficiência já foi submetida à superstição, ora sendo entendida como eleição divina, ora como danação de Deus ou possessão diabólica. As pessoas eram destinadas à tortura e a fogueira, assim como aos conventos, igrejas e outras instituições afins. Grandes contradições foram tecendo a história dos sujeitos com deficiência e a educação especial ao longo dos anos. Nesse contexto, o filme demonstra uma tendência à eleição divina pois Georges aparece como sendo o escolhido, – no oitavo dia da criação divina – como sinônimo de bondade e sensibilidade.

“No princípio não havia nada, no primeiro dia ele fez o sol; no segundo dia a água e o vento; depois a grama; as vacas; os aviões; as pessoas; no sétimo dia fez as nuvens. No oitavo dia, ao se perguntar se não faltava nada, fez Georges e viu que era Bom”.

Interessante ressaltar que a chuva se faz presente nas cenas que traduzem os momentos de crise e os dias difíceis da vida Georges, sempre acompanhada de cores escuras – transmitindo a ideia de tristeza, solidão e melancolia. Segundo estudos realizados em diversos países do mundo a chuva interfere no humor das pessoas deixando-as desanimadas, tristes e introspectivas.

Oitavo Dia é um filme que acontece em um cenário urbano, no entanto faz um resgate marcante aos elementos da natureza: árvores, grama, animais, água, céu, chuva, sol, vento, deixando explícita necessidade humana de manter contato com a natureza para garantir uma boa qualidade de vida, incluindo a saúde mental e física. Georges era saudável e buscava na natureza a energia vital para enfrentar as dificuldades.

“Se você toca uma árvore você se torna uma árvore”. Georges.

O homem faz parte da natureza e nela consegue resgatar sua essência humana, a sensibilidade, os comportamentos e valores perdidos. Harry ao se aproximar de Georges e da natureza foi se tornando uma pessoa “melhor”, mais calma, tranquila, tolerante, alegre e prestativa, passou a ter um olhar diferente sobre sua própria família. Ao se colocar no “lugar do outro” e “com o outro” demonstrou que o ser humano está em constante transformação e aprendizagem.

“Não devemos enxergar a natureza simplesmente como um conjunto de belas paisagens, animais, plantas e elementos naturais. Ela é a

extensão de nosso próprio ser, e nós somos a extensão dela". (Bruno Albuquerque).

As pombas brancas apareceram em diferentes momentos, simbolizando a paz, pureza, harmonia, simplicidade e a felicidade reencontrada por Harris, com o auxílio Georges, um sujeito repleto de qualidades, constituindo a gama de constatações estéticas que foi possível entrever de maneira privilegiada em situações implícitas e invisíveis à um olhar corriqueiro.

Considerações finais

Além da linguagem cinematográfica para conhecer um determinado assunto são necessárias outras fontes de informação para um embasamento teórico mais aprofundado e também uma mediação qualificada para explorar de forma minuciosa as mensagens por ela transmitida. A reflexão e a crítica ao redor das imagens, cores, músicas, falas, signos só irão acontecer significativamente mediante um conhecimento prévio sobre o assunto.

O filme abordou assuntos sobre o sujeito com deficiência e a sociedade. Dessa forma enfatizamos que o sujeito com deficiência deve ser considerado em todos os aspectos de um ser humano, pois também tem sentimentos, vontades, capacidades e direitos. Em relação a estas capacidades, é possível ver que ele também pode exercer uma profissão, basta que seja estimulado e capacitado adequadamente conforme as suas necessidades. Diante da análise audiovisual constatou-se a grande importância da afetividade no desenvolvimento do ser humano, visto que a relação de confiança se estabelece por meio de afeto e amor, sem menosprezar a ideia de que para ocorrer o pleno desenvolvimento intelectual, deve-se considerar além do afeto, o estímulo às potencialidades do indivíduo.

Seguindo essa lógica, concluiu-se que ao colocar a pessoa na condição do “diferente” a sociedade impõe regras, padrões, e normas quanto às possibilidades de realização pessoal e profissional de seus membros. Por meio dessas regras e padrões surgem as normas no qual o “diferente” passa a ser entendido como um problema a ser enfrentado na concretude das relações sociais e institucionais. As limitações impostas às pessoas com necessidades educacionais especiais é um processo social, ou seja, é a sociedade quem demarca limites a partir dos preconceitos, aonde as pessoas com necessidade educacional especial são vistas apenas como sujeitos da falta, sem capacidades, não conseguindo vê-las na sua singularidade, tornando-as pessoas segregadas, isoladas.

Por fim, a diversidade e a diferença vão continuar existindo e cada um de nós decide como se portar frente a elas, diminuindo as barreiras que limitam e demarcam espaços ou atenuando as diferenças de maneira negativa e preconceituosa. A cinematografia pode ser uma ferramenta valiosa para essa tomada de decisão.

Referencias

AMARAL, L. A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando das diferenças físicas preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J (org.). **Diferenças e preconceitos na escola:** alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Sumus, 1998.

ANHÃO, P. P. G. **O Processo de Interação Social na Inclusão Escolar de Crianças com síndrome de Down em Educação Infantil.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. São Paulo, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Declaração de Salamanca.** Brasília, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Convenção de Guatemala.** Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Educação.** Lei nº 010172, de 9 de janeiro de 2001. Brasília, 2001.

CARVALHO, R. E. **Escola Inclusiva:** a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2008.

EIZIRIK, M. F. **Por que a diferença incomoda tanto?** (2002) [online] Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&catid=5%3Aeducacao-especial&id=31%3Apor-que-a-diferenca-incomoda-anto&Itemid=16>.

FERRE, N.P.L. Identidade, diferença e diversidade: manter viva a pergunta. IN: LARROSA, J; SKLIAR, C.(org). **Habitantes de Babel:** políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GOMES, A. L.L. (et al.). **Atendimento Educacional Especializado:** Deficiência Mental. Brasília, DF, 2007.

LEITE, G. A; MONTEIRO, M. I. B. A construção da identidade de sujeitos deficientes no grupo terapêutico-fonoaudiológico. **Revista Brasileira de Educação Especial** - Print version ISSN 1413-6538 = Rev. bras. educ. espec. vol.14 no.2 Marília May/Aug. 2008.

LUNARDI, M.L; KRAEMER, G.M. **Caderno Didático Língua, Cultura e Identidade/Curso de Educação especial a Distância.** Unidade B. Interface entre língua, cultura e identidades. Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2005, p. 31-38.

MARQUES, L. P. **O professor de alunos com deficiência mental:** concepções e prática pedagógica. Juiz de Fora: UFJF, 2001.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental**: da superstição à ciência. São Paulo: EDUSP / Queiroz, 1984.

SKLIAR, C. **Educação e Realidade** – v.24, n. 2 (15-32 jul./dez.1999). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul: editorial, 1999.

TAVARES, F; LIMA, F. **Barreiras atitudinais**: obstáculos à pessoa com deficiência na escola. REDE SACI, 2007. Disponível em: <<http://saci.org.br>>. Acesso em: 12 mai. 2011.